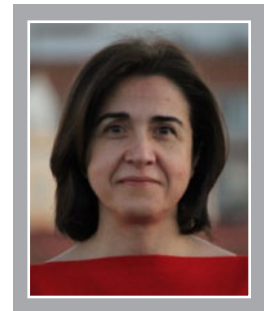

Partilhar a missão

“Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diversidade de atividades, mas Deus, que opera tudo em todos, é o mesmo”
(1 Coríntios 12, 4-5)

Montse Giménez Hernández
Professora, investigadora e diretora da Universidade
Província Ibérica - Espanha



Meu nome é Montse Giménez e trabalho no Centro Universitário Cardenal Cisneros de Alcalá de Henares (Província Ibérica Marista, Espanha). Comecei a lecionar em 2000. Fui responsável pela Subdireção de Investigação e Pesquisa Educativa (2006-2014) e, até este ano letivo, pela Direção do Centro (2014-2023). Neste momento em que termino como Diretora, partilhar a minha experiência é um exercício pessoal de reflexão que certamente me ajudará mais a mim do que aos leitores destas linhas. Em todo o caso, tentarei apresentar algumas das ideias sobre as quais refleti.

Sempre com os outros

Nenhuma missão pode ser compreendida, de um modo individual. De facto, aprendi a desconfiar daqueles que levantam bandeiras de individualismo e de protagonismo exagerado. Não podemos fazer nada sozinhos. Trabalhar em equipa, ouvir, delegar, confiar..., quanto mais pessoas participarem nos processos, na tomada de decisões, na implementação de novos projetos, melhor. Não quer dizer que seja uma garantia de sucesso (embora seja o mais provável), mas o que quer que consigamos, tê-lo-emos feito em conjunto.

Vários caminhos

De acordo com o que precede, estou convencida de que diferentes pontos de vista contribuem para o desenvolvimento das instituições e, por extensão, para o desenvolvimento das sociedades. Partindo do princípio geral do respeito pelos direitos humanos, nenhuma opinião é mais valiosa do que outra. Apreciei a diversidade de abordagens; ouvir os outros e os seus raciocínios permite-nos construir projetos mais fortes. Quando há um esforço de diálogo, de compreensão, de procura de pontos comuns..., gera-se um processo partilhado e o que dele resulta é vivido como uma realização coletiva.

O conhecimento

A tomada de decisões e a configuração das linhas e objetivos que marcarão nossas ações devem estar baseadas no conhecimento. A tradição marista nos fortaleceu enormemente. Nossa experiência no campo da educação pode e deve ser enriquecida pelo conhecimento de outras áreas e seus desenvolvimentos. Certamente, a visão estratégica, as necessidades emergentes, os desafios futuros... devem estar presentes quando tomamos decisões e, em muitos casos, para isso, não podemos contar apenas com a boa vontade ou com nossa experiência anterior. Temos de estar dispostos a aprender e a saber mais e continuamente.

Bem comum

O cultivo dos valores identitários da família, da proximidade e da presença são fundamentais na nossa organização. Gostamos de ser reconhecidos como um centro onde somos chamados pelo nome. É importante que o continuemos a fazer, mas devemos ter o cuidado de não confundir familiaridade com protecionismo excessivo. As nossas organizações têm de fomentar o crescimento dos indivíduos, desafiando-os a irem além de si próprios. Por isso, é essencial o cultivo de uma cultura do bem comum, compatível com o respeito individual e a proximidade que nos faz sentir empatia e responder às necessidades dos outros.

O nosso olhar tem de ser capaz de se centrar simultaneamente no passado (para se enraizar), no presente efêmero e no futuro; e é neste último que o nosso compromisso com o bem comum se deve materializar (e podemos e devemos fazê-lo, associando-nos a outras instituições e carismas). As nossas linhas estratégicas são dominadas pelo compromisso com a justiça social, a sustentabilidade energética e o cuidado com a casa comum, o respeito pela dignidade humana, a luta contra a pobreza e a denúncia das violações dos direitos humanos. Se tudo isto é assim, se realmente acreditamos nisto, temos de ter a certeza de que são tidos em conta quando tomamos qualquer decisão.

Compromisso

Convidamos, sobretudo os novos educadores, não só a respeitarem a nossa ideário, mas também a sentirem-se felizes com o que somos e com o que fazemos. Idealmente, não deveríamos oferecer empregos, mas deveríamos ser capazes de oferecer opções de desenvolvimento para que o trabalho remunerado seja também uma razão para se comprometerem com a visão partilhada e os conecte à sua própria missão.

O compromisso é uma escolha individual, não podemos forçá-lo. É verdade que as organizações podem oferecer contextos de desenvolvimento, convidar as pessoas a partilhar a sua missão, favorecer espaços de encontro e de conhecimento... Mas só podemos contar com um compromisso baseado





na liberdade. Precisamos de pessoas empenhadas, compreendendo que pode e deve haver motivações diferentes e que essa diversidade nos torna instituições mais abertas e acolhedoras.

Honestidade e confiança mútua

Apreendi muito (e continuo a aprender) com as pessoas. E para além das competências que cada um de nós trouxe para o trabalho comum, o que mais valorizei foi a confiança mútua. Sem ela, não me sinto capaz de trabalhar. E acredito que ela se gera com honestidade, reconhecendo o que sabemos e o que não sabemos fazer, assumindo os riscos das decisões em conjunto, convencidos de que partilhamos uma visão e que estamos a trabalhar para o bem comum, para além das nossas preferências ou interesses pessoais. Esta confiança reflete-se quando a prioridade é dada ao outro, quando os objetivos da instituição que concebemos e partilhamos são o que realmente orienta a nossa ação. Este “eu confio”, para além de proporcionar uma enorme tranquilidade, parece-me fundamental para avançar e construir em conjunto. Como veem, voltamos ao princípio: sempre com os outros, e se confiarmos uns nos outros, tanto melhor.

Duas perguntas que podem ajudar-nos a refletir

Juntos partilhamos a liderança da nossa missão. Por isso, as questões que coloco são uma proposta para qualquer um de nós:

- Sente-se realmente comprometido/a com a missão do seu centro? Em que aspetos se pode ver esse compromisso?
- Consegue relacionar o seu papel/responsabilidade com o bem comum (aquilo que está para além dos seus próprios interesses ou dos da instituição, aquilo que nos liga ao mundo e às suas necessidades)? Em que aspetos pode explicitar esse relacionamento?



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it